



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO
Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*
Propriedade do Grupo *(Aurora Social)*
EDITOR—*Mactel Barbosa*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis)
Semestre 530 (300 reis)
Um ano 850 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso 301 (10 reis)

Aos fazedores duma mensagem

Como, noticiaram as gazetas diárias, no domingo último houve, em Lisboa, rija manifestação com cortejo e tudo, em homenagem ás nações aliadas. Constituiu um delírio, segundo os apontamentos dos illustres perdigueiros, que, diga-se de passagem, não perderam pitada para avolumarem a espontaneidade do povo aguerrido naquele acto *solemnissimo*. Coisas da vida, como dizia o outro.

Contudo, o que mais nos deu no gôto, pese a quem pesar, foi um edificante periodo que se encontra na mensagem entregue aos respectivos ministros. Ella... «O seu lugar (o lugar de Portugal) é sempre o mesmo ao lado dessas heroicas nações que defendem a liberdade do mundo... a Rússia...»

Hein! Que é lá isso? A Rússia defendendo a liberdade do mundo. Homens sã. Positivamente quem rabiscoou tudo aquilo não conhece a vida interna desse país. Ou se a conhece limitou-se a fazer a vontade aos interessados que esfolam o povo e ainda o querem mandar para o matadouro.

No entanto aí vão algumas páginas suberbas, que se não servirem para abrir os olhos aos fazedores da mensagem, servem, todavia, para ilucidar aqueles que as lerem sobre as grandes liberdades russas...

E' tam terrível a actual situação politica da Rússia que é um dever social torna-la conhecida do povo, e dirigir um apêlo solene a todos os que possuem arraigada nocorção a idea de liberdade e de progresso, e rogar o seu apoio moral em favor da luta pela conquista da liberdade politica que neste momento se trava em toda a Rússia...

Não ha dúvida alguma que o movimento dos anos 1905-1907 produziu uma profunda transformação em toda a maneira de pensar e de sentir na Rússia...

Mas, desde que foi solenemente declarado que a vida politica do país ia ser reconstruida sobre novas bases e que, empregando os próprios termos do manifesto do czar, «seria dado á população uma garantia inviolavel dos direitos civis, baseados sobre uma real inviolabilidade do individuo, sobre a liberdade de consciência, de palavra, de associação e reunião...»—depois que esta declaração foi solenemente feita, aqueles que se esforçaram por pôr em prática estes princípios foram tratados como rebeldes, acusados do crime de alta traição.

Não só os representantes dos partidos avançados são actualmente perseguidos por tudo o que disseram e fizeram durante 1906 e 1907, mas até mesmo um partido tam moderado como os outubristas, que tomam por ponto de partida o conteúdo do manifesto de outubro, são tratados como prégadores de doutrinas subversivas. O único partido politico que até á data recebeu a aprovação pessoal do czar e por ele foi reconhecido como um partido fiel foi a *União dos Cidadãos Russos*; ora, todos nós agora sabemos, pelas revelações que finalmente chegaram até aos tribunais, que não só este partido tomou parte, a mais activa, na organização da perseguição aos judeus e «intelectuais» em geral, mas tambem o seu presidente teve de comparecer perante o tribunal por ter excitado e pago aos assassinos de Herzenstein, um membro da primeira Duma, que tratou da situação affitiva dos camponeses, e por ser tambem acusado de cumplicidade no assassinato de Yofos, outro membro da mesma Duma igualmente

te uma autoridade nas questões rurais.

Quanto ao actual ministério (Stolypine) ele próprio se declarou no decorrer dos debates na Duma, incapaz de governar o país sem manter o estado de sitio em diferentes regiões. De resto, este sistema recebeu uma tam grande vulgarização que os dois terços das provincias que constituem a Rússia da Europa se encontram, neste momento, sujeitas a governadores gerais, expressamente nomeados para este efeito, aos quais foram concedidos poderes quase ditatoriais inclusivé o de condenar á morte seja quem for, sem julgamento e sem mesmo o enviar a um conselho de guerra...

E', ao mesmo tempo, da politica do governo actual, perseguir todos aqueles que, tomando no seu sentido próprio as palavras do manifesto imperial, procederam, em 1905-1907, em conformidade com essas palavras crendo que os direitos politicos eram realmente concedidos á nação. Editores de livros que, nessa época, apareciam ás centenas e eram considerados como tendo satisfeito todas as exigências da censura, são agora perseguidos por violação da lei, e condenados a um ou dois anos de prisão numa fortaleza.

Organizadores de meetings, oradores que exprimiram as suas ideas absolutamente legais sob o ponto de vista constitucional, são actualmente perseguidos como revolucionários.

Organizadores da resistência armada contra os pogroms (ataques ou massacres dos judeus), são tratados como revolucionários da pior espécie, e processos inumeraveis são instaurados contra pessoas que levam uma vida extremamente pacifica, por actos que agora se qualificam de violações da lei e que ha dois anos eram absolutamente constitucionais...

Consistindo a politica do governo de Stolypine, durante os dois ultimos anos, em exercer vingança sobre todos aqueles que haviam tomado parte no movimento libertador resultante do manifesto de 30 de outubro de 1905, é facil conceber a enorme quantidade de pessoas que foram presas, arrastadas aos tribunais, deportadas para a Sibéria ou exiladas para diferentes pontos do império por simples ordem administrativa.

As prisões russas estão actualmente, (1909) tam abarrotadas que, segundo dados officiaes, encerram qualquer coisa parecida com 181.000 prisioneiros, quando o máximo da capacidade prevista na época da sua construção é de 107.000... A consequência desta aglomeração é que a administração das prisões se encontra numa absoluta impossibilidade de assegurar aos seus habitantes, mesmo o menor grau das condições sanitárias prescritas na lei.

Assim, ceavam-se a febre tifóide e o tifo nas prisões do império russo em proporções verdadeiramente horripilantes; a sua presença já foi assinalada em 65 por cento das provincias.

Na maior parte destas prisões, os presos não possuem camas nem cobertas, e em muitas chega mesmo a faltar esta espécie de banco de pinho correndo ao longo da parede que dantes existia. Dormem no chão, sem se cobrirem, tendo apenas um velha fato usado, cheio de podridão, que lhes é fornecido pela administração das prisões.

Nestas condições é impossivel falar de exigências de higiene. Os doentes atacados de febre ti-

foide e escorbuto dormem ao lado uns dos outros e quando estão moribundos é que os transportam ao hospital. Citam-se casos em que officios foram transportados em maca á audiéncia do tribunal e reenviados pelos juizes ao hospital. De uma vez enforcaram um homem com 40 graus de febre!

Tudo isto conduziu naturalmente a actos de revolta entre os prisioneiros, que por sua vez, sofrem a mais abominavel repressão e são chacinados em massa. A pior brutalidade converteu-se nas prisões num facto absolutamente normal.

Os próprios condenados á morte são horripilantemente espancados antes de serem conduzidos ao cadafalso, a tal ponto que numa audiéncia do conselho de guerra de Moscovo um condenado á forca exigiu do juiz presidente a promessa formal de que não seria espancado antes da execução! Neste caso unico a promessa foi mantida; mas por via de regra são tão horripilantes as torturas que infligem aos condenados antes do momento da execução, que cada dia vai crescendo mais o numero dos que se suicidam. Homens prontos, afrontam tranquilamente a morte, não podem resignar-se ás torturas que devem precedê-la. Quanto ao numero de condenações á morte pronunciadas pelos conselhos de guerra, e de execuções, não diminuiu ainda, como o afirmou Stolypine a Stead em Julho de 1908. Conserva-se estacionário.

No decurso do último ano foi iniciada uma discussão no Times relativamente ao numero de pessoas deportadas para as diferentes regiões do império por ordem administrativa. Um dos refugiados russos, em Londres, estabeleceu que contrariamente ás afirmações de Stolypine que pretendia que este numero não excedia 12 mil, havia pelo menos 78 mil prisioneiros nessas condições.

A situação deste exilados é mais terrível ainda de que o que se disse na imprensa inglesa. Pode afirmar-se sem exagero que em certas partes do nordeste da Sibéria esta situação é absolutamente desesperadora, não sendo para admirar que se produzam actos de rebelião, tal como o de Fouroukhausk...

Alem disso, os actos arbitrários dos agentes inferiores do governo nas aldeias e pequenas cidades da provincia conduzem inúmeras pessoas ao desespero...

Mas ainda ha mais. Avaliam 700 mil o numero dos campones e operarios que, sómente na Rússia da Europa, foram durante os dois ultimos anos, lançados fóra da vida normal em seguida a perseguições por greves ou outras razões semelhantes, e vivem agora como gente fóra da lei, errando de cidade em cidade com nomes supostos, sem nenhuma probabilidade de regressar ao seu pais natal ou de voltar ás suas occupações primitivas. Há assim perto dum milhão de pessoas nesta situação.

Tal é o que observamos presente na Rússia. *Pedro Krapotkine*—(La Terreur en Russia, Introduction).

Posto isto, ainda havará algum ingénuo que acredite sinceramente nos esforços do czar a bem da liberdade do mundo?

A não ser os fazedores da mensagem que trabalham por conta alheia, só os ingénuos e os cegos é que poderão ir na corrente.

... Porque os sensatos, os que veem as coisas como elles são, esses enarriham os braços e mostram as armas de S. Francisco.

ALBERTO GUERRA

A Itália também

Esperávamos que os trabalhadores italianos fossem capazes de resistir aos esforços das classes dirigentes, de afirmar finalmente a sua fraternização com os operários de todos os países e a sua resolução de perseverar na luta contra os exploradores e opressores com mira na emancipação real da humanidade. O facto de serem solidários contra a guerra a grande maioria dos socialistas e dos sindicalistas e todos os anarquistas (com raríssimas excepções), sendo tambem evidéntissima a aversão geral das massas, fizera-nos esperar que a Itália saberia livrar-se do morticínio e utilizar as suas forças nas obras de paz e de civilização.

Infelizmente, não. A Itália foi tambem conduzida ao matadouro. Os mesmos italianos que, oprimidos e esfomeados no seu pais natal, tantas vezes se viram obrigados a ir ganhar o pão em terras longínquas; os mesmos italianos que amanhã continuarão a ser reduzidos á miséria e á emigração andam agora a matar e a morrer em defesa dos interesses e ambições dos que lhes recusam o direito ao trabalho e a uma vida decente.

Assombra e humilha ver como as massas se deixam facilmente enturjar pelas mais grosseiras mentiras!

Durante estes últimos meses, os capitalistas italianos enriqueceram vendendo á Alemanha e á Austria, caríssimo, uma quantidade enorme de coisas úteis á guerra. Os governantes italianos procuraram vender aos dois impérios aliados a neutralidade italiana, por alguns territórios mais para o rei saboiano. E hoje, porque não puderam obter tudo o que queriam e acham mais proveitoso compartilhar a sorte dos aliados, falam, com indignado aspinto, como se fossem cavaleiros andantes, desinteressados paladinos da civilização e vingadores da «pobre Bélgica». E' no entanto, a sua máscara é bem transparente. Asseveram que vão á guerra para do jugo estrangeiro libertar os povos e procuram exaltar os jovens com a gloriosa visão da luta da Itália contra a tirania austriaca; mas tratam de submeter pela força os árabes de Trípoli; desejam apoderar-se das ilhas gregas, «provisoriamente» ocupadas por ocasião da guerra com a Turquia; reclamam territórios e privilégios na Ásia Menor; ocupam uma parte da Albânia, que não é certamente, de modo algum, italiana, e pretendem anexar a Dalmácia, onde os italianos apenas representam uma fraca percentagem da população. Na realidade, pretendem ter direitos sobre qualquer região que podem ou julgam poder ocupar e conquistar.

Tal terra deve pertencer á Itália, porque em tempos foi conquistada pelos romanos; outra, porque existe lá uma casa bancária veneziana; uma terceira, por nela se encontrarem numerosos emigrantes italianos; uma quarta, porque representa uma necessidade estratégica; e finalmente, todas as demais terras do globo, porque seriam úteis ao desenvolvimento do comércio italiano.

Não devemos, porém, admirar-nos. Os governos e classes dominantes de todos os países sempre invocaram a justiça internacional quando se sentiam débeis; mas, logo que se tornam ou se cuidam bastante fortes, começam um sonho de dominação universal. Protestam actualmente contra o espírito de dominação dos alemães, mas de facto são todos «alemães».

O que na Itália parece menos natural e constitui a mais amarga desilusão é a conduta dos republicanos. Fingiram por cima de tudo a questão da forma de gover-

no; para eles, a primeira coisa era a abolição da monarchia. Mas bastou apelar para as suas paixões nacionalistas, para que desapparecesse todo o seu desejo de liberdade, todo o seu ódio á casa de Sabóia. E fizeram o impossivel para ressuscitar nas massas o velho ideal de patriotismo, que se desenvolveu na época em que a independéncia nacional parecia dever ser o meio de alcançar a emancipação e a liberdade, experiência que permitiu verificar como um governo nacional não é melhor do que um governo estrangeiro. Lançaram o grito: «A guerra ou a revolução!» E quando o rei,—talvez para se salvar da revolução,—declarou a guerra, puseram-se com a massa a serviço do rei. E então a república? Muitos deles dizem, é certo, que desejavam a guerra no intuito de facilitar a revolução; mas que absurdo! Se a Itália vence, será por certo em vantagem exclusiva da monarchia. Por outro lado, não podemos sequer conceber que os republicanos fossem capazes da infâmia consistente em empurrar o povo para a guerra, na secreta esperança de o ver batido, e por isso invadido e devastado o país.

Na falta de informações exactas, ignoramos a situação actual na Itália e quais os factores que determinaram tam rápida mudança de attitude. Mas uma coisa pelo menos nos é revelada pelas notícias chegadas a Londres. O governo italiano compreendeu ser para elle um perigo fazer a guerra, sem supri-la com a casa de liberdade e sem meter na cadeia um grande numero de anarquistas. Isto significa que os anarquistas se mantem fiéis á sua bandeira e, o que mais importa, que o governo teme a influencia deles sobre as massas.

Isto nos garante que, apenas acalmada a febre guerreira, ficaremos capazes de retomar a nossa guerra própria—a guerra pela liberdade humana, pela igualdade e pela fraternidade,—e isso em melhores condições do que antes, pois o povo terá tido uma nova, uma terrível experiência, terá visto que do governo só pode esperar injustiça, miséria e opressão, e, á laia de intermédio, colossais carnificinas; que o patriotismo, o nacionalismo, a rivalidade de raças, são tudo coisas que servem para manter na escravidão os trabalhadores, cuja libertação reside na abolição do governo e do capitalismo.

ENRICO MALATESTA

A PESTE RELIGIOSA

A guerra traz consigo, além da fome, a peste—varias espécies de peste, uma das quais, a religiosa, não é das mais benignas. A sim, encontramos em *La Bataille Socialiste* a seguinte noticia:

«A guerra provoca uma recondescéncia de superstição e de loucura mistica nos seres mal equilibrados ou victimas da ignorancia.

Em certas aldeias, alguns rusticos pretendem ver numa estrela uma bandeira franceza—sinal evidente da victoria proxima—ou a cruz da legião de honra. Em 70, dizem os velhos, via-se lá em cima uma bandeira alemã...

Numerosas pessoas viram aparecer Joana d'Arc, annunciando a proxima derrota dos alemães. Uma senhora de Rvigny conta com maior seriedade que viu Joana d'Arc pairando numa nave, com um estandarte na mão, por cima de Barle-Duo, tendo sido a cidade preservada contra os alemães daquela forma.

Um rapazião de 5 anos encontrou Joana d'Arc numa rua de Marselha, confiando-lhe ella, para ele o dizer ao sr. cura que estava marcada para o dia 25 de novembro a derrota alemã!

O nosso pobre mundo parece mergulhar cada vez mais num oceano de estupidéz. Vale a pena ter feito varias revoluções para voltar hoje á mentalidade medieval ou á dos boxmanes?